

GRANDEZA E DECADÊNCIA DO VOCABULÁRIO

Oswaldo Pinheiro dos Reis

A linguagem é, antes de tudo; fato psicológico. E o homem, naturalmente social em que pese a Rousseeau e sua escola: não lhe basta sentir, querer; deseja também comunicar suas impressões e seus pensamentos. Não podendo manifestar a idéia pròpriamente dita, emite sinais, fala.

As palavras têm, pois, como homem, títulos de nobreza ou sinais de degradação, decorrentes do valor social ou moral de quem as emprega, como se observa nos sinônimos psíquicos.

Podemos examinar o fenômeno, quer sincrônica, quer diacrônica. No primeiro caso os exemplos enxameiam na linguagem das diversas categorias sociais e misteres a que se afazem os homens. A palavra *lua*, por exemplo, não tem o mesmo valor na boca do marinheiro, na do lavrador, na do astrônomo. **Relógio** sabemos que na gíria é aquêlê que trabalha de graça para outro. O **bicho** já não nos mete medo na expressão: "Você é um bicho", porque, não fala popular, significa: "corajoso, turuna, valente".

No segundo caso, lidamos com fatos consumados resultantes das condições do tempo e das vicissitudes da idéia que as palavras representam. Com o correr dos anos, o matiz novo se cristaliza e temos de admitir numa palavra sentido muitas vêzes paradoxal: **abrigar** passou a seu próprio antônimo; da forma latina que significa "expôr ao sol chegou ao português na acepção da "resguardar contra as intempéries". Acresce ainda observar que o espírito humano revela-se o mesmo em tôda parte ("que le monde est petit!") Eis porque apresentam

as línguas fenômenos afins em regiões geograficamente afastadas e linguisticamente dissociadas, como notamos nos fatos paralelos e independentes de evolução, p. ex., a transformação do *ei* em *ai* no português de Portugal e no alemão.

Estas evoluções denunciam aspectos sociais dignos da atenção do historiador e do moralista. Há vocábulos, expressões inteiras que se abastaram na boca do povo; outros, de origem espúria, nobilitam-se e penetram nas mais distintas camadas sociais. É a decadência do falar precioso e a ascensão da gíria.

Vendryes, citando Nyrop, aponta algumas causas de degradação. O aviltamento que as palavras sofrem, diz êle, reflete de modo palpável o desprezo que as várias classes sociais têm umas para com as outras, ora o ódio das nações e das raças entre si; quer a intolerância estúpida do povo, quer a falta de respeito dos fanáticos para com as opiniões dos outros... Os homens odeiam-se e se perseguem, desprezam-se e se injuriam, enganam-se ou se compreendem mal e a língua guarda fielmente as marcas desses malentendidos contínuos. Vamos aos exemplos.

Da Antiguidade greco-romana, entre outros casos, aparecem **pontífice** e **sicofanta**. Por seus radicais, **pontífice** é o construtor de pontes, nome que se deu primitivamente em Roma ao grande dignitário de ordem sacerdotal a que se estava confiada a construção e guarda das pontes. Atualmente o termo é dado a S.S. o Papa, chefe da cristandade, sem desdouro de suas nobres funções.

Na Grécia, antiga, **sicofanta** era o denunciante dos que exportavam figos por contrabando, na cidade de Atenas. Mais tarde, quando estas delações degeneraram em calúnias, o vocábulo tomou a significação de **impostor** que conservou depois.

As pessoas de profissão mercantil sempre foram menoscabadas. Como diz Bourciez, há uma tendência a dar sentido pejorativo aos termos comerciais. Os traficantes portugueses, com os descobrimentos marítimos do séc. XVI, tornaram-se

proprietários de pingues fortunas, geralmente à custa de dupla exploração: daqueles de quem compravam e daqueles a quem vendiam. Os primeiros, por ingenuidade natural, inerente ao seu baixo nível de civilização; os outros, por descobrimento do valor das especiarias visto que as julgavam mais pela novidade do que pelo seu valor intrínseco. Os comerciantes da Índia ficaram célebres por rapinas e crueldades. “O verbo **rápio** lá se conjuga por todos os modos”, disse S. Francisco Xavier, no seu relatório a D. João III. Os que aportaram às brasileiras plagas não se mostraram mais benignos. No primeiro capítulo de nossa história já estava êles aqui, “ganhando ouro à custa do esforço e do sangue dos outros”, como o declara textualmente G. Barroso na sua austera “História Secreta do Brasil”. Por isso, tôdas as palavras que designavam profissões têm resvalado para as baixesas do insulto. Estão nesta categoria: **tratante, chatim, agiota, usura, onzenário.**

“De **trato** na acepção de negócios derivou a palavra **tratante**, o que negocia. Ainda no século XVII a empregava neste decoroso sentido o cordato Jorge Cardoso. Biografando o sábio e martirizado jesuíta Abraão Gorgus, assim diz: “Até que, aportando naquela ilha, sem ninguém o conhecer, alcançou licença do capitão dela, para entrar na Etiópia, a título de **tratante**”. Se escrevesse um século depois, não apedrejaria com afronta semelhante a memória do mártir, porque o termo já então servia para designar os individuos pouco escrupulosos em suas contas.”

Foi por semelhante fenômeno de depreciação que **chatim**, vocábulo colhido por navegantes portugueses do século XVI, na língua dravídica, perdeu a significação primitiva de **negociante** ou **mercador**. Lê-se, com efeito, no monumental glossário de Mons. Dalgado o seguinte, que bem demonstra a inofensibilidade nativa da palavra: “A terceira costa é a dos **chatins** que são mercadores grossos de ouro e prata e fazendas de preço”.

Hoje o sentido de **tratante** evoluiu para “pessoa que trata arditosamente de qualquer cousa, alguém que usa de tretas, de ardis, de velhacadas”. Coteje-se o trecho de Garrett: “Rou-

bou-me um tal tratante de Garcia, mercador que aí jaz em Antas morto”. Também **chatim** é agora “velhaco, negociante pouco liso”. Castilho Antônio, o grande cego: “É contra êsses chatins de tocos e avelórios que em voz alta bradamos”.

Também os têrmos que designam os que se ocupam com operações da Bolsa e suas funções: **agiota**, **agiotagem**, **usura**, etc., não encerrava primitivamente idéia pejorativa. Foi um motivo de ordem moral que lhes deturpou o significado: o abuso dos cambalachos. **Onzenário** e derivados, pelo contrário, parecem vir gafados de sentido deprimente desde a origem. Já a “Ordenação Afonsina” o tinha por contrato imoderado e ilegítimo. E encerramos aqui este capítulo. Claro que nos encontramos em face de generalizações, e que não será justo incluir a todos os negociantes na categoria dos desonestos e trapaceiros. Os nossos pósteros, quando fizerem a história, dêstes dias atribulados que estamos vivendo, e tiveram de explicar o que significavam, no remoto século XX, expressões como: “comissão central ou estadual de preços”, “câmbio negro”, “comandos”, e outras, poderão julgar com mais serenidade os acontecimentos.

O autoritarismo dos senhores feudais da Idade-Média foi causa de que muitos têrmos que exprimiam as suas regalias tomassem feição pejorativa. Era, por certo, muito pouco o que antigos suzeranos ofereciam aos seus vassallos, para que êstes lhes apelidassem os dons com o epíteto banal: o que, sendo de propriedade do senhor, estava à disposição obrigatória dos vassallos, mediante retribuição.

Os jograis que nos castellos divertiam os reis, não foram mais felizes. A êles dava-se o título de **truão**, **bobo**. Esta última denominação consagrada num romance famoso de Herculano. Entretanto, esta palavra, na origem, outra coisa não queria dizer que gago, tartamudo. Aparentado com ela o termo grego “bárbaros”, acolhidos pelos latinos na sua língua e designativo, em ambos os povos, do estrangeiro, devido à maneira como, em todos os tempos, êle fala, em geral, o idioma que não é o seu, pronunciando-o, às vêzes, de modo quase in-

reconhecível. Quantas flutuações! Que distância percorrida, sobretudo quando nos valem de tal vocábulo para mostrar nosso desagrado por alguém.

Ainda do mesmo tempo é a palavra **desaforado**, o que se opunha aos foros e regalias de algum concelho, cidade ou estado. Neste sentido, com matiz algo moral: “Você é um desaforado” faz equação com: “Você me privou da honra que me é devida”. O desaforado porém, com este sentido antes material, caminhou mais e chegou a ser até “contrário aos bons costumes”.

Para nós, a **desordem**, a **confusão**, constituem **maçaroca** que antigamente não passava de fio de linho, estopa, etc., enovelado. Talvez fôsse difícil, por causa da primitividade dos mecanismos, envolver os fios com rapidez, originando-se daí uma autêntica **maçaroca**.

E desde que não pretendemos insistir em alterações semióticas provenientes de assuntos medievais, damos uma tré-gua ao assunto.

Os conceitos dos empregos são talvez os que se tornaram mais pobres. Prendem-se ao desprezo do senhor para com o criado. Com o advento da burguesia e hoje com a ascensão do proletariado se tem procurado dignificar as funções pela metamorfose das suas designações. Brunot informa que **cuistre** era em francês, antigamente, o **cuisinier**; **goujat**, o **valet d'armée**; os **brigands** e os **pions** do séc. XVII nada mais representavam que os **fantassins** de hoje. Nós também preferimos **farmacêutico** a **boticário**, **loja** a **botica**, **boy** a **servente**.

No capítulo dos **remédios** (ou **medicamentos**, como querem outros), encontramos a palavra **droga**, com a qual se dá fato curioso. Ninguém desconhece que “uma droga”, não é lá boa coisa; e Gustavo Barroso o confirma no seu dicionário: coisa de pouco valor. Entretanto seu derivado **drogaria** campeia garbosamente no frontespício das **farmácias** mais conceituadas, como atestado de que houve um abastardamento do conceito de **droga**. Talvez os médicos expliquem o fenómeno pelos processos antigos de terapêutica, as famosas **mezinhas** do tempo de nossos avós...

A zombaria irônica que se prende ao estrangeiro e ao que lhe pertence é indigitada como fator de alteração semântica pejorativa. **Bárbaro**, já vimos, era o epíteto com que se designava tudo o que não era grego ou latino. No Brasil, **reinol** já foi insulto, por ser, nos meios nativistas, simbolo da prepotência lusa. Os **emboabas** ficaram tristemente célebres nas guerrilhas do interior do país, assim como os **marinheiros** e os **pés-de-chumbo** nos conflitos do norte. Nas outras linguas notâmos fenômenos idênticos: em francês são depreciativos: **bouquin**, “livresco”, (do ingl. **book**, livro), **rosse**, “pangaré”, (do al. **Ross**, cavalo) e **hableur**, “contador abundante em lorotas”, (do esp. **hablar**, falar). É bom notar que o espanhol paga na mesma moeda: o verbo esp. **parlar** (do fr. **parler**) só se emprega em má parte. Também a palavra comum e vulgar em alemão **Madamchen** (empréstimo do fr. **madame**) é, em Berlim, expressão do povinho. **Muchacha**, que às vêzes, se usa em Portugal, só se aplica a mulheres de condição inferior ou de vida airada.

Os tratamentos também sofreram alterações de valor social. “Entre as qualidades atribuidas aos reinantes figurava, naturalmente, a de recompensar os que prestavam serviços à coroa. A essa recompensa ou paga se dava o nome **mercê**, **mercede**. Assim eram tratados os reis portugueses ainda no século XV, como consta dos documentos da época. Semelhante tratamento estendeu-se depois a outras pessoas, a princípio por certo aos poderosos, os que podiam usar de liberdades; em seguida, por tal forma se vulgarizou que, por andar na boca de toda gente, transformou-se de **vossa mercê** em **vossemecê** e **você**, exclusivo da amizade e familiaridade, em que apenas as sílabas tônicas se salvaram. Tal vulgarização acarretou as mesmas contrações em esp. **usted** (**vuestra merced** é em galego **vosté**).” Porém não parou aí a odisséia desta expressão. **Ocê**, o grau seguinte da escala, é de grande curso em Minas. Como último sinal de humilhação de uma jerarquia ilustre, proponho **Cê**. Tudo nos leva a crer na existência deste monossílabo. Ouve-se, com efeito, por tôda parte, a gente rude exclamações como: **Cê é besta!** Enfim, julgo já sufici-

entamente maltratado o termo, para supôr que ainda possa sofrer vexames...

Ainda há outras formas de tratamento que divergem segundo as classes sociais. Em Portugal, a mulher do povo, chama ao seu consorte, mais vêzes, **meu homem** do que **meu marido**, que se ouve de preferência às de esfera superior (conferir nos romances de Camilo), dando-se o contrário com o homem que, no segundo caso, a trata por **minha mulher** (espôsa só por afetação); mas no primeiro, **minha senhora**, em substituição ao antigo **minha dona** (cf. fr. *madame*). Afrânio Peixoto pretende que este último modo de se dirigir às mulheres tem origem no culto de respeito, honra e amor que, depois de Deus e sua Igreja, era prestado ao belo sexo na Idade Média. Cada cavalheiro, ao ser armado, escolhia a “dama de seus pensamentos”, à qual servia trazendo-lhe as côres e devisas, oferecendo-lhe proezas e façanhas. Daí **madame**, **mylady**, **madona**, **minha senhora**, que depois ficou a tôdas as mulheres. Até os religiosos, diz êle, como os leigos, quizeram ter uma e, por S. Bernardo, sagraram como dêles, a Maria “Nossa Senhora”.

Notemos, de passagem, que **homem** pode até ser empregado com referência à mulher, como succede, p. ex., no caso da expressão: “Hom’essa!”, de uso indistinto.

E posto que falamos em família, lembremos os nomes rapariga, mancebo e fedelho.

Rapariga abdicou o sentido primitivo de **menina** ou **donzela** e tornou-se sinônimo de **criada**, **empregada**. Em Portugal também descambou para **moçoila**, **cachopa**, que só se aplicam para as mulheres do povo. Aliás, as línguas nestas denominações, vêm sofrendo os efeitos da grosseria popular. Em francês, Brunot apontou fenômeno semelhante: a atribuição de idéias desonestas ou obscenas às palavras que designam o belo sexo. E manda comparar estas duas expressões: “c’est une fille” a “c’est une jeune fille”, que os pequenos burgueses começam a substituir por **demoiselle**. A depreciação que se observa, hoje, entre nós do sacrossanto vocábulo

mãe, é reflexo do que já sofrera o termo latino da mesma raiz de **puer** e que significava a mesma cousa, mas que não é mais tolerado em boa sociedade.

A propósito de **mancebo** lê-se nas “Digressões lexicológicas: O rapaz janota e aperaltado ao ouvir-se tratar de mancebo sentiria menos orgulho de sua pessoa e desdenharia semelhante apelativo se soubesse que êste nome não é apenas o representante do que os romanos davam ao **escravo**, i. é, ao homem ou mulher tomados na guerra. Ainda em nossa antiga língua conservava resto da primitiva significação no sentido de **criado de servir**, que tinha então, como se vê do título de um dos artigos do Foral de Santarém, que diz: “Da perda que o mancebo faz a seu amo”. Hoje mesmo o termo **moço** se usa em tal sentido. E seu feminino não veio a tornar-se sinônimo de **amante**, que mantém o verbo **amancebar-se**?

Fedelho, que não tem boa acolhida entre os pequenos emproados, já significou **turíbulo**, a acreditar-se na autoridade de Brunswick.

O capítulo das invetivas é o mais fértil em alterações semióticas. Nele têm guarida nomes de pessoas, de cousas, de animais, de doenças, etc.. Por processos românicos, de **bragas** temos o qualitativo **desbragado**. Ora, as bragas não passavam de calças curtas e largas. É pois de crêr que aos tais desbragados não lhes fôsse suficiente afrouxar o cós da calça, afim de facilitar o riso, como fazem certos hilariões, mas que chegassem mesmo a ficar em trajés menores.

A uma velha rabugenta chamamos **bruaca**. Contudo as bruacas já foram muito preciosas quando transportavam o ouro dos “brasileiros” de volta para a sua rica terrinha. Falar em velhas lembra o vocábulo **bruxa**. Em Herculano, indica a palavra o fogo fátuo, como se pode facilmente deduzir dêste trecho: “As luzinhas das bruxas em sítio brejoso”. É evidente que o romancista não quis aí aludir a **feiticeiras**, **megeras**, às quais o povo atribui tôda espécie de sortilégios e o fato de chupar o sangue das crianças. Mas a

acepção geral do termo é o de feiticeira, talvez por analogia entre os fogos fátuos e supostas procissões de bruxas.

As circunstâncias históricas do tempo também influem no sentido dos vocábulos. Fiquei surpreso ao lêr um dicionário da antiga linguagem portuguesa a palavra **germanidade** fazendo equação semântica com **fraternidade**. Naturalmente do lat. **germanus**, “irmão”. Entretanto, o sentido que se pega à primeira vista é o de **germano**, “alemão”. Daí o disparate da primeira equação. As proezas dos alemães, na guerra que há pouco moveram a **neutros** e a **beligerantes** antes justificariam outro sinônimo. E por falar em guerra...

Soldado é o que percebe soldo. Tem o nome ligado ao dinheiro como o escravo às algemas. É conceito pobre, de certo ar pejorativo. Pagamento em troca de serviços toma nome de conceitos mais ricos: os **emolumentos** do escrivão, os **honorários** do médico, **salário** do jornalista (se bem que jornalista assalariado não seja o que recebe salário mas o que é venal). Outrossim, a rudeza e desenvoltura dos costumes militares atraiu malevolência para com a classe tôda. Em francês, **assassin**, designava certa espécie de tropa. O serviço militar obrigatório elevou singularmente o próprio termo soldado. Pode-se, pois, dizer do próprio Caxias que foi um grande soldado.

No comêço certos vocabulos inspiram repugnância. A sua divulgação, o uso lhes diminuem a má catadura. Outros perdem o cunho de nobreza e se lançam à vala da ignomínia. Até aqui fica patente a triste diferença da sorte que a uns abaixa e a outros eleva, sem distinção quer pelas palavras, quer pelas pessoas. (1)

(1) Alguns exemplos foram colhidos em:
A. Lopes Vieira: “Nobiliarquia do Vocabulário”.
J. Vendryes: “Le Langage”.
Brunot et Brunot: “Precis de Gram. Historique”.
M. Barreto: “Novos Estudos da L. Portuguesa”.